

JORNAL **ABAIXO** **ASSINADO** JPA

O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

Ano 18 - Fevereiro de 2022 - N° 148 • (21) 97143-4821 • Site: www.jaaajrj.com.br • facebook.com/jaaajrj

Editorial **Pela democracia**

O ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) Luís Roberto Barroso, durante seu discurso de despedida da presidência do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), no dia 17 de fevereiro, afirmou que a liberdade de expressão é importante e precisa ser protegida daqueles que a utilizam para destruir a democracia.

"A liberdade de expressão é muito importante e precisa ser protegida, inclusive contra os que a utilizam para destruí-la juntamente com a destruição da democracia. O ódio, a mentira e as ameaças não são protegidas pela liberdade de expressão porque se destinam a silenciar a expressão dos outros", declarou Barroso.

No discurso, Barroso disse também que "nos últimos tempos" a democracia e as instituições "passaram por ameaças das quais acreditávamos já haver nos livrado".

O ministro Barroso disse ainda que "não foram apenas exaltações verbais à ditadura e à tortura, mas ações concretas e preocupantes". Enumerando, por exemplo, as manifestações em frente ao Exército que pediam a volta da ditadura militar; o desfile de tanques de guerra na Praça dos Três Poderes; a ordem para que caças sobrevoassem a Praça dos Três Poderes; manifestação de 7 de Setembro; ameaça de não renovação de concessão de empresa de jornalismo.

O JAAJ continua firme na luta pela democracia e contra os fascistas de plantão.

A nova Casa do Museu do Pontal na Barra da Tijuca



foto: site do museu

Lindo demais
está o Museu
do Pontal

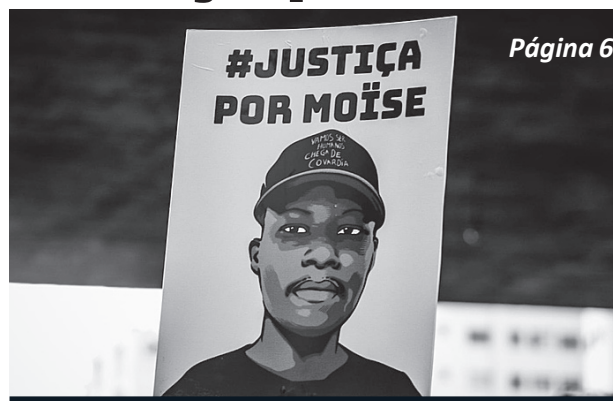
No dia 9 de abril de 2019, a chuva mais intensa a atingir o Rio nos últimos 22 anos alagou completamente o Museu do Pontal, no bairro do Recreio. Depois de muita luta, o Museu do Pontal está de casa nova na Barra da Tijuca. O Museu é considerado o maior e mais significativo museu de arte popular do país. Seu acervo é composto por cerca de 9.000 peças de 300 artistas brasileiros. E você, já visitou? *Página 7*

Petrópolis **é o retrato do** **Brasil** *Página 3*



Tânia Régio/Agência Brasil

Justiça por Moïse



Página 6

BBB: santa ignorância?

Página 2

Voltando às aulas na **pandemia**

Página 5

Uma saída contra a **remoção de comunidades**

Remoção da Vila Autódromo

Página 4



IHBAJA: pesquisando a **história da Baixada de** **Jacarepaguá** *Página 8*



Santa Ignorância

Eterna Aprendiz

Cláudia Scott
Publicitária
Instagram: @claudia_scott1

Quando os BBBs foram confinados em janeiro (dentro da casa mais vigiada do Brasil) toda a conexão com o mundo (fora da casa) foi interrompida. Lá dentro as relações humanas ficam mais afloradas tanto pela convivência diária (entre pessoas que acabaram de se conhecer) quanto pela dinâmica do jogo - que provoca a competição entre os "brothers" através de provas de resistência e jogos que semeiam a discórdia entre os moradores da casa.

Na última semana, durante o jogo da discórdia, os participantes eram incentivados a despejar baldes de água suja na cabeça uns dos outros. Nesse mesmo jogo, durante um momento de raiva mais extravasada, uma das participantes acabou por bater com o balde na cabeça de outra participante - o que levou a expulsão da agressora.

Parece uma atitude de ignorância dentro de uma pressão psicológica em que

as pessoas se sentem acuadas, certo? No entanto, dentro da casa há uma ignorância que certamente nós, que estamos aqui fora, gostaríamos de experimentar.

Dentro do BBB eles não sabem que a diva Elza Soares se despediu após uma vida de luta, vitória e dor, eles não sabem que Arnaldo Jabor não resistiu ao AVC que sofreu em dezembro passado, eles não sabem que o número de mortes com a Covid voltou a aumentar, eles não sabem da crise entre Rússia e Ucrânia, eles não sabem que, a mesma chuva que caiu sobre o Projac no outro dia, arrasou a cidade de Petrópolis (em outra tragédia histórica que atingiu a região serrana do Rio).

Muita gente deve dizer que o sonho de estar no BBB por conta de fama, prêmio, projeção nas redes sociais, etc. No entanto, posso dizer que atualmente o que eu mais invejo nos BBBs é a ignorância. Não no sentido da estupidez, mas no sentido de quem literalmente ignora e desconhece os fatos. Afinal, lá dentro, sem notícias do mundo, eles se limitam a viver suas pequenas tristezas semanais (pré e pós paredão) e ignoram nossas tragédias coletivas que acontecem de maneira arrebatadora aqui fora.



Cozinha da Tia Nêli

Moqueca de Mexilhão

Ingredientes

- 500g de mexilhões aferventados
- 2 cebolas médias
- 2 dentes de alho
- 2 tomates
- 1 pimentão verde (pequeno)
- 2 colheres (sopa) de cheiro verde
- 1 colher (sopa) de coentro
- 2 colheres (sopa) azeite
- 1 colher (chá) de açafrão da terra
- 1 colher (chá) páprica defumada
- Sal e pimenta do reino a gosto
- 4 folhas de louro
- 1 colher (sopa) de chimichurri
- 1 vidro (200 ml) leite de côco

Modo de Fazer

Lavar os mexilhões em um escorredor para que saiam as possíveis casquinhas e verificar se tem algum pedaço de alga ou "matinhos" do mar.

Fritar no azeite as cebolas e os alhos até que a cebola fique transparente. Colocar a páprica e a cúrcuma e mexer para cozinhar um pouco (elas ajudam a dar consistência ao molho).

Acrescentar os tomates até que comecem a dissolverem.

Acrescentar o restante dos ingredientes



e mexer até que fique com uma consistência encorpada.

Sirva com arroz branco e uma farofinha crocante de cebola.

Um beijo e um queijo!
Tia Nêli



ANUNCIE NO JAAJ
(21) 97246-2213 | 97119-6125
jornalabaixoassinado@yahoo.com.br



Letícia Ribeiro Leite
Técnica em Nutrição e Dietética
Instagram@leticiatecnutri01

Milho Verde e suas Utilidades Culinárias

Em um contexto geral, a produção de milho é de grande importância econômica para o nosso país, já que muitas vezes, o milho é um grão utilizado para a produção de farinhas, farelos e até mesmo rações, no entanto, esse vegetal também possui ampla utilidade culinária, para isso utiliza-se o milho verde.

A partir do milho verde pode-se variar a culinária desde pratos como, sopa de milho (popularmente chamada de mingau), curau, bolo, pamonha e até mesmo pudim de milho verde. Essas delícias são muito apreciadas e consumidas, tanto em festas, como também na culinária do cotidiano, ao preparar esses pratos em casa.

Ao analisar a cadeia produtiva de milho verde, desde a produção, processamento agroindustrial e comercialização de milho in natura ou produtos derivados, é possível observar que existem parâmetros para o



milho e para os produtos derivados dele, no caso de milho destinado à produção de pamonhas, por exemplo, existe uma demanda maior por cultivares que apresentem elevado rendimento de palha.

Por fim, pode-se afirmar que o milho é um produto de ampla utilidade, que atende diversos consumidores e ainda pertence a um setor de suma importância econômica, a agricultura.

EXPEDIENTE

JORNAL ABAIXO ASSINADO
JPA
O jornal das lutas comunitárias e da cultura popular

JAAJ é uma publicação da Rede Popular de Comunicação (RPC)

e da IPL Clipping - CNPJ 31.555.759/0001-64

Para críticas, sugestões e reclamações: jornalabaixoassinado@yahoo.com.br
www.jaajrj.com.br - Tel (21) 97143-4821

**As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores.

Distribuição gratuita pelos bairros e comunidades da Baixada de Jacarepaguá

Conselho Editorial: Aguinaldo Martins, Almir Paulo, Anna Karolina, Cláudio Mattos, Cíntia Travassos, Humberto Peixoto, Ione Santana, Ivan Lima, Jane Nascimento, Letícia Ribeiro, Manoel Meirelles, Marcus Aguiar, Miguel Pinho, Paulo Silva, Renato Cosentino, Renato Dória, Roberto Senna (Cabral), Severino Honorato, Silvia da Costa, Val Costa, Valmiria Guida, Vaneide Carmo e Wladimir Loureiro.

Coordenação Geral: Almir Paulo.

Arte e Diagramação: Jane Fonseca.

Gestora de Redes Sociais: Sílvia da Costa

Site: Aguinaldo Martins

Instagram: Letícia Ribeiro

Facebook: Carla Scott

Comissão de Cultura: Anna Karolina e Cíntia Travassos

**Todo material enviado ao E-mail, Site e Facebook do jornal é autorizado automaticamente para a divulgação e também não é gratificado.



Almir Paulo

“Pessoas oprimidas não podem permanecer oprimidas para sempre. O anseio pela liberdade eventualmente se manifesta”
(Martin Luther King Jr.)

A cidade de Petrópolis está destruída, com famílias devastadas, centenas de mortos e de desaparecidos, após o temporal do dia 15 de fevereiro.

O volume de água acumulada na cidade chegou a 259 milímetros em apenas seis horas, segundo o Climtempo. O temporal culminou em um cenário desolador em Petrópolis.

Na cidade, foi possível ver cenas como morros que vieram abaixo, ruas bloqueadas por materiais deixados pela inundação, veículos empilhados, casas destruídas, estabelecimentos atingidos pela lama, comerciantes tentando estimar o prejuízo causado pela tragédia e famílias buscando formas para recomeçar.

Já são 183 os mortos confirmados des-

de o temporal que atingiu Petrópolis (RJ) na terça-feira (15). Uma semana após a tragédia, 111 mulheres perderam suas vidas, o que representa 60,6% do total das vítimas. As outras 72 pessoas que vieram à óbito são do sexo masculino.

A realidade aponta que os investimentos públicos para a mitigação do problema foram sendo diminuídos ou cortados, na exata contramão do aumento da pobreza e do crescimento das ocupações em áreas inabitáveis e de risco. As famílias deveriam ser retiradas imediatamente das áreas de risco e reassentadas pelo poder público. Como nos mostram as cruéis imagens da tragédia, nada foi feito.

Fica uma constatação. Quando os temporais atingem toda a cidade, os estragos tendem a se concentrar nas regiões com menos cobertura florestal, infraestrutura urbana e serviços assistenciais. Ou seja, a maior parcela dos riscos recai sobre os mais pobres. Por isso, podemos afirmar que os desastres nos informam mais sobre as desigualdades do território atingido do que sobre a potência das chuvas. Eles escancaram



Florian Plancher/AFIP

nossas injustiças socioambientais.

O Serviço Geológico Brasileiro, em uma pesquisa muito precária feita em 2021, estima que mais de 4 milhões de pessoas morrem em áreas de risco no país. Petrópolis é o retrato do Brasil.

É preciso uma política habitacional vi-

gorosa em Petrópolis e várias outras cidades brasileiras, inclusive na região da Baixada de Jacarepaguá. Investir em políticas de moradia digna, priorizando a oferta de alternativas seguras para as famílias que residem em áreas de risco geológico e hidrológico.



Tânia Régio/Agência Brasil



Fernando Frazão/Agência Brasil



Professora Juliana Bernardo

Dicas para fazer redação

O Advérbio

Olá, queridos leitores, como vão? Nesta edição trabalharemos uma importante classe gramatical: **o advérbio**. A função dele é modificar o sentido do verbo, do adjetivo e do próprio advérbio. Ele possui várias classificações e abaixo, irei apresentá-las, juntamente aos seus respectivos exemplos. Além disso, o advérbio possui a função de modalizador textual, conferindo-lhe caráter lógico e apreciativo. Antes das classificações, observem este exemplo de como ele atua na oração: Estamos **muito** felizes. (advérbio de intensidade)

de que modifica o adjetivo ‘felizes’)

Confira e estude bastante estas particularidades:

Afirmção: sim, certamente, evidentemente, claramente.

Negação: não, nunca, jamais.

Dúvida: talvez, será, tomara, quiçá.

Tempo: hoje, já, agora, depois, antes.

Lugar: lá, aqui, ali, acolá.

Modo: bem, mal, rapidamente.

Intensidade: muito, pouco, mais, menos, bastante.

Interrogação: por que, como, quando, onde, aonde.

Gostaram da aula? Acessem as minhas redes sociais e acompanhem os meus conteúdos de Língua Portuguesa e de Redação: @professora_julianabernardo (Instagram). Profa. Juliana Bernardo (Facebook). Abraços e até o mês de março!



Luiz Claudio Silva
Cofundador do
Museu das Remoções

O TTC pode ser a solução contra a remoção

As famílias pobres de favela e periferias sofrem há muitos no Brasil, como também em vários outros países, sempre que o progresso se aproxima e a máquina pública é usada pelos empresários, principalmente das grandes empreiteiras, para remover essas pessoas carentes (para bem longe) e favorecer a especulação imobiliária e o capitalismo. Agora, parece que começa a surgir, enfim, uma luz no fim do túnel: o TTC (Termo Territorial Coletivo), um modelo de organização social cuja principal característica é a separação entre a propriedade da terra e das construções:

a terra pertence à comunidade como um todo, porém as construções (as benfeitorias) são dos moradores, individualmente. O principal objetivo é fortalecer a comunidade e garantir sua permanência, obtendo habitações a preços acessíveis de forma permanente.

O TTC busca incentivar a capacidade das famílias para que realizem melhorias nessas localidades, por meio da gestão coletiva da terra, que pertence a todos. Essa iniciativa também diminui tanto o risco de despejo forçado como o risco do aumento do custo de vida transformar o lugar em moradias para as pessoas mais ricas. Um projeto que não obriga todas as famílias das comunidades a participarem, pois há divergências entre algumas. Assim, aquelas que desejarem fazer parte do plano podem, mesmo que alguns vizinhos não queiram. É sabido por muitos que existem famílias que moram em lugares carentes não com a intenção de darem continuidade a sua história no território, mas para fins especulatórios, visando ganhar dinheiro.

Em várias comunidades de outros países o TCC já está funcionando como: Dudley Neighbors Inc. (EUA), Mount Alexander Community Land (Austrália), Fideicomiso de la Tierra Caño Martín Peña (Porto Rico), Comunidad Maria Auxiliadora (Bolívia), entre outras. A terra é de propriedade do TTC, ou seja, da pessoa jurídica, sem fins lucrativos,



formada pelos moradores e gerida de forma coletiva. A casa, as benfeitorias, assim como os quintais, pertencem aos moradores, por meio de título formalizado em cartório. Desta forma, ao tornarem-se legalmente os donos de suas casas, eles têm o direito de utilizá-las como bem entenderem, podendo vender, alugar, deixar de herança ou doar para familiares.

Veja o videotexto com base e referência em: <https://www.termoterritorialcoletivo.org/o-que-e-o-termo-territorial-coletivo>.



Meio Ambiente & Turismo Carla Scott - Ecologista

Intervenções em condomínios

A Prefeitura do Rio em conjunto com o Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro (MPRJ), por meio da Força-Tarefa do Grupo de Atuação Especial no Combate ao Crime Organizado (Gaeco/FT-OIS) para enfrentamento à ocupação irregular do solo urbano, estão realizando uma série de ações no intuito de coibir e demolir construções irregulares, estimadas em R\$ 5 milhões de reais, construídas pela milícia na Baixada de Jacarepaguá.

Nas primeiras semanas de fevereiro, diversas ações foram observadas em condomínios de luxo de Vargem Grande e nas comunidades do Rio das Pedras, Muzema e Anil — na rua Araticum. No Rio das Pedras, uma série de boxes e barracas nas margens do canal foram demolidos, além de uma casa de show, lava a jatos e bares.

Em Vargem Grande, os agentes identificaram desmatamento, terraplenagem e loteamento ilegal, assim como o desvio



Casa em construção em área ambiental sendo destruída

de um rio. As obras chegaram a ser embargadas sete vezes pela Prefeitura, mas eles insistiram e continuaram, e grandes casas de três andares foram construídas. O loteamento de luxo era muito próximo à reserva do Parque Estadual da Pedra Branca e o risco era grande tanto para moradores quanto para a fauna local e a natureza do entorno de maneira geral.

Infelizmente, sabemos que a Baixada de Jacarepaguá sofre com o domínio da milícia. Quando o estado não está presente, ela toma conta. Há muitos condomínios e estabelecimentos comerciais que são construídos sem qualquer planejamento e documentação regular.

É preciso que as intervenções sejam mais eficazes e regulares para coibir a construção de condomínios e comércio em locais irregulares, pois só assim será possível evitar futuras tragédias e, até mesmo, o desmatamento no Parque Estadual da Pedra Branca.



Professor
Pablo das Oliveiras

De volta às aulas presenciais

Estudantes do Ensino Fundamental e Ensino Médio voltam às aulas presenciais no Rio de Janeiro. A maioria dos trabalhadores, formais e informais, está em atividade todos os dias, na cidade. É preciso lembrar que o cenário continua sendo de pandemia sem um plano de contingência quanto: aos transportes públicos precários e lotados; ao reescalamento de fluxos de pessoas nos horários de picos, a fim de evitar aglomerações; à adequação para salubridade nos prédios de escola sem condições de atender os protocolos de segurança contra a Covid-19. Vejamos o que está diante do nosso nariz: quanto maior a circulação do novo coronavírus Sars-CoV-2 entre pessoas, mais oportunidades de infecção por Covid-19 e mutações do vírus. Cada um de nós tem ao alcance das mãos uma atitude a tomar, ou seja: o uso correto da máscara cobrindo sem folga a boca e o nariz. Por essa ação pessoal assumimos um compromisso sanitário conosco e com a saúde pública. Essa medida se completa com a campanha de vacinação para os idosos, adultos, jovem e, agora, às crianças de 5 a 11 anos (com todas as doses necessárias do esquema de vacinação) contra o coronavírus em suas variantes.

É preciso reafirmar a importância do casamento entre prevenção pessoal e coletiva; condições adequadas de salubridade aos lo-

cais de trabalho, em quaisquer condições e categorias. Todas as medidas de prevenção, além de salvar vidas e evitar surtos da Covid-19, reduzem a carga sobre o sistema de saúde (das especialidades ambulatoriais aos profissionais em serviços). Neste contexto, as pessoas privadas de liberdade, nos presídios e demais locais de detenção, também se encontram em situação de vulnerabilidade à infecção pelo coronavírus. No sistema prisional, confinamento/aglomeração por períodos prolongados amplificam a propagação de doenças infecciosas dentro e fora das prisões, e o desafio de um planejamento de contingência é essencial para assegurar resposta de saúde adequada, de ambientes prisionais confiáveis, seguros, e ressocializador, como previsto em sua função social.

A síndrome pós-Covid (sintomas de longo prazo, que podem ocorrer do início e após a recuperação da crise aguda da infecção) acomete o estado físico e/ou mental de pessoas e de comunidades inteiras, ambas as situações necessitam cuidados físico e socioemocional. A crise pandêmica deixou mais vulnerável à violência familiar as pessoas idosas, crianças e mulheres; os motivos desse fenômeno são multifatoriais, como: estresse econômico, diminuição do acesso às redes socioafetivas, diminuição do acesso a tratamentos de saúde mental e tensão por excesso de informação sensacionalista e fake news. As famílias em situações agudas de estresse econômico foram socorridas por comitês comunitários

Foto de Tânia Rêgo – Agência Brasil



A segurança na volta às aulas presenciais em meio à onda de transmissão de covid-19 provocada pela variante Ômicron depende do engajamento de toda a comunidade escolar, incluindo os responsáveis

populares, oriundos do próprio território, movimentando apoio socioafetivo, doações de cesta de alimentos e materiais de limpeza.

O retorno às aulas, para crianças, adolescentes, jovens e adultos (entre estes trabalhadores) ocorre no cenário pandêmico, entre mudanças apontadas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), prevista na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), que tem por objetivo estabelecer orientações aos currículos das escolas públicas e privadas de Ensino Infantil e Fundamental do Brasil. No entanto, a BNCC se constitui refletindo interesses dos segmentos privatizantes e mercadológicos vinculados ao Estado. Na cidade do Rio de Janeiro, a Matriz Curricular para 2022 levou às escolas uma grade curricular com carga horária diminuída nas discipli-

nas de História, Geografia, Ciências e Artes, sem transparência no uso dos parâmetros nem debate público com as comunidades escolares e a sociedade civil; talvez por isso seu perfil seja neoliberal e pouco voltado às questões de interesses públicos e à formação de conhecimento. Estas e outras situações desafiadoras demandam resposta assertiva do poder público e da sociedade civil; responsabilidade em investir nas pesquisas científicas e por elas orientar os programas sanitários e de vacinação; compromisso com a transparência e clareza das informações e investimento no Sistema Único de Saúde – SUS e numa educação pública, de qualidade, gratuita, laica e emancipatória!

Fonte: <https://portal.fiocruz.br/>



Jane
Nascimento*

Dia 8 de fevereiro de 2022, no auditório da Câmara Comunitária da Barra, tomaram posse os representantes do Conselho Distrital de Saúde da AP4 (área de planejamento que engloba Jacarepaguá, Barra da Tijuca, Recreio dos Bandeirantes e as Vargens). A representante das Vargens no Conselho Distrital de Saúde é Sarah Rúbia.

Incansavelmente, Sarah Rúbia vem se dedicando há anos a questões de saúde das famílias dessa região. Como integrante da Teia de Solidariedade da Zona Oeste, participa de importantes atividades contra a fome. Essa é uma tarefa importante em que ela, com diversas companheiras, interage com famílias que passam por necessidades de alimentação e cuidados com a saúde. Outra ação fundamental de apoio é na agricultura familiar, ajudando os agricultores da região que enfrentam dificuldades para vender os

fotos: - Dona Teresa (comunidade Santa Luzia)



A atuante conselheira Sarah

produtos dos quais tiram o sustento para si e seus dependentes.

Essa interação é apenas um dos complementos de uma rede na qual a Teia de Solidariedade da Zona Oeste tem abrigado chefes de famílias, na maioria mulheres, em uma grande escala de pretas e pretos, desempregadas e desempregados, sem recursos para alimentar seus dependentes. Muitas das vezes, além dos filhos, precisam cuidar da fome



Daniel Soranz (Secretário Municipal de Saúde), Sarah Rúbia e o Subprefeito Raphael Lima

e da saúde de idosos, quase sempre o pai ou a mãe ou a avó, o avô, até mesmo irmãos mais velhos.

Nessa tarefa tão importante para a questão da saúde, Sarah Rúbia desempenha o papel também de representante dos usuários do SUS pela Associação de Moradores e Amigos de Vargem Grande (Amavag). Ela é presidente da comissão de doenças crônicas na AP4, área em que atua desde 2009 na luta



Sarah e o Waldemar Antônio das Chagas Bezerra (Presidente da AMAVAG e da OAB-Sucursal Madureira e Jacarepaguá)

por direitos dos usuários e em defesa do SUS.

“O SUS é de todos e para todos. O que garante a equidade no acesso é a participação social, pois sem ela o SUS não existiria. O acesso ao atendimento de qualidade na atenção básica e a soberania alimentar precisam estar alinhadas, queremos cuidar da saúde e não apenas tratar doenças”, ressalta Sarah.

Parabéns Sarah Rúbia por ser essa pessoa tão aguerrida em prol da saúde comunitária.

Você já ouviu falar nas turfeiras de Jacarepaguá?

Marcelo Sant' Ana Lemos*



Extração de turfa na região de Vargem Grande, década de 1940. Fonte: Arquivo Nacional

O que é uma turfeira? É um tipo de solo orgânico formado a partir de restos de vegetais não completamente decompostos, embebido em muita água, que no caso da Baixada de Jacarepaguá, eram partes de antigas lagoas e que foram aos poucos se transformando em áreas pantanosas e depois em turfeiras. Geralmente tem cobertura vegetal esses solos. Uma parcela das regiões da Vargem Grande e de Vargem Pequena são de solos turfosos. Esses solos deixados em condições específicas ao longo de milhões de anos podem se transformar em jazidas de carvão mineral.

O mapa abaixo mostra as áreas de maior ocorrência desses solos, feitas por Silvio Fróes de Abreu, na década de 1950, que podem produzir a turfa, usada como fonte de energia, a partir desse solo seco ao sol, pois contém muito carbono orgânico, que produz de 3500 a 4500 calorias, de acordo com teor da cinza existente na queima do solo.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), em que se derrotou o nazi-fascismo que ameaçava o mundo, pensou-se em utilizar essa jazida para produção de combustíveis, já que na época o Brasil dependia do petróleo e carvão importado dos países que estavam em guerra, e por

isso tinha racionamento de gasolina e fazia uso de outras fontes como o gasogênio (gás obtido a partir da queima do carvão) e poderia fazer uso da turfa. Houve até por parte da antiga Estrada de Ferro Central do Brasil o uso de minério provindo das turfeiras do Vale do Paraíba, para poder alimentar suas locomotivas a carvão.



Nos Campos de Sernambetiba ficam as principais áreas de solos turfosos. Fonte: Abreu, Silvio Fróes. O Distrito Federal e seus recursos naturais. Rio de Janeiro (RJ): CNG/IBGE, 1957

Na década de 1940 foi concedida uma autorização de pesquisa dessa área a um particular, mas logo depois a jazida foi encampada pela Coordenação da Mobilização Econômica, órgão criado durante o esforço de guerra para coordenar diversas ações do governo, entre elas a de abastecimento de combustíveis para população nesses tempos de racionamento. Essa coordenação explorou 1000 hectares de terras que ficava entre a Estrada de Bandeirantes e o oceano.

Foram feitas pesquisas pelo engenheiro Pedreira que viu as grandes diferenças entre os solos com turfa. Não só no teor de água, que variava de 85% a 90%, nesses solos, mas também a composição orgânica deles que mostravam diferentes processos de origem (turfa gelatinosa ou uma turfa esponjosa ou sapropelitos).

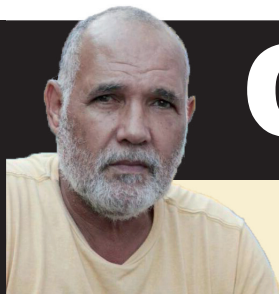


Retirada da vegetação para expor o solo com turfa. Jacarepaguá. Fonte: Arquivo Nacional.

Por serem solos com grande teor de água na sua composição não se pode edificar construções neles, sob o risco de racharem e afundarem as estruturas, por isso devem permanecer como áreas de preservação permanente. Nesses tempos de especulação imobiliária acelerada na Zona Oeste (legal ou ilegal) e de falta de projetos de moradias populares para a população de baixa renda, essas áreas "vazias" são uma grande tentação para ser ocupada, o que seria um risco e uma irresponsabilidade, que deve ser sempre bem repetida: são áreas não edificáveis!!



Visita as turfeiras de Jacarepaguá. Fonte: Arquivo Nacional
*Historiador e pesquisador da história carioca

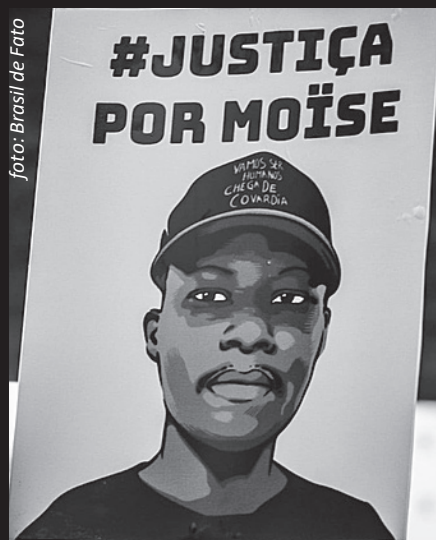


Aguinaldo Martins
Coordenador do JAAJ Bangu
e Vila Kennedy - Texto e fotos

Uma grande ironia o fato de o congolês Moïse Kabagambe ter sido assassinado exatamente debaixo do quiosque Tropicália, na Barra da Tijuca, símbolo do movimento cultural tropicalista que representava aqui no Brasil o ideário de Paz e Amor que se propagava pelo mundo a partir da década de 1960.

A truculência e a maldade, alimentadas pelo racismo e pela xenofobia nos mostra outras facetas de um problema que se esconde nas sombras que encobrem nosso país. A precarização das relações de trabalho se estende por vários setores da economia. A informalidade, disfarçada de empreendedorismo, ocupa calçadas e praças numa onda de invasões de espaços públicos e centros comerciais

foto: Brasil de Fato



das cidades disputando clientes com os estabelecimentos legalmente estabelecidos.

No caso específico de Moïse Kabagambe, se revela a ponta de outro iceberg, que é o domínio das milícias nos quiosques da Barra. Se o Ministério Público se ater às atividades da concessionária Rio Orla vai se deparar com evidências seguras ao analisar os contratos de gaveta de muitos quiosques que não são administrados pelos contratantes originais.

Uma investigação séria pode respingar até mesmo no secretário Pedro Paulo. Se não for por corrupção ativa, por prevaricação, com certeza. Onde estão as secretarias municipais de Fazenda, Governo e de Ordem Pública, o Ministério Público, o Ministério do Trabalho e a Polícia? Investigação e ação contundente é preciso para barrar as máfias da orla carioca. Cadê a integridade?

Arte Etc. & Tal



Vanessa Guida
Artista Visual e Pesquisadora

...E a nova Casa do Museu do Pontal, você já visitou?

Hoje o que eu trago é uma dica cultural de passeio na nossa região. Você conhece o Museu Casa do Pontal? Pois é. O maior e mais significativo Museu de Arte Popular do país está de casa nova aguardando a sua visita. O local conta com amplo espaço pensado para incentivar o mergulho do público no universo da arte popular.

Criado por Jacques Van de Beuque (1922-2000), francês radicado no Brasil desde 1946, o Museu reúne mais de 200 artistas brasileiros, a maioria de origem nordestina, oriundos de todas as regiões do Brasil. A Casa, agora situada na Barra da Tijuca, possui um acervo composto por cerca de 9 mil obras produzidas a partir do século XX, resultado de 45 anos de pesquisas e viagens de Van de Beuque por todo o país. As exposições visam apresentar o Brasil profundo, revelado por seus artistas populares.

O Museu Casa do Pontal tem entrada gratuita de quinta a domingo, das 10 às 18h (é preciso chegar até 17h30), e está seguindo todas as medidas de segurança e higiene como medição de temperatura dos colaboradores e do público na entrada, redução da capacidade máxima de visitantes simultâneos, além de dispor de uma área expositiva bastante arejada, mantendo diversas portas abertas para jardins externos e internos abertos, garantindo a circulação de ar nas salas. É exigido o uso de máscara cobrindo a boca e o nariz durante toda a visita.

Novo endereço do Museu do Pontal

Av. Célia Ribeiro da Silva Mendes, s/n
Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ, CEP 22790-711

Ao lado do condomínio Alphaville e próximo ao Bosque da Barra

Mais informações, no site: <https://museudopontal.org.br>



Foto - Site do museu

Arte nordestina em exposição no museu



Cíntia Travassos
Produtora

O sucesso do Robson Tavares na Rádio 107,5 RJ FM

Robson Tavares de Carvalho tem 77 anos bem vividos, e é conhecido como Robson. Nascido em Osvaldo Cruz, subúrbio do Rio de Janeiro, é formado pela Fahupe II (português-inglês) e professor do município. É portelense, e foi jogador do América, soldado do Batalhão de Guardas em 1964 e policial civil.

Tudo começou quando, um dia, Robson Carvalho foi convidado por uma Rádio de Jacarepaguá para falar sobre sua vida como jogador de futebol e o motivo que o fez deixar de ser atleta profissional. A partir daí, tornou-se radialista, e não parou mais.

Robson Carvalho é compositor de samba de várias escolas do Rio. Um poeta. campeão com o samba-enredo da GRES União do Parque Curicica, em ????, fato que o faz declarar, com orgulho: “foi o único samba a pisar no Sambódromo com um enredo GLS”.

Quando foi perguntado sobre qual é o seu maior sonho, ele disse, com toda a propriedade, que se sente um homem realizado. A pandemia não alterou a sua rotina na rádio, pois o vírus do trabalho que ele tem, desde quando saiu de Osvaldo Cruz, não o



Robson comandando seu programa com todo o seu carisma na Rádio 107,5 RJ FM

deixou ficar parado.

Robson Carvalho, atualmente, é responsável pela Rádio 107,5 RJ FM. Seu pro-



Robson com Edu (irmão do Zico) no evento Politeama no campo de futebol do Chico Buarque

grama “Clareando a Conversa” acontece toda sexta-feira, de 9 às 12h. E ele também comanda “O Butkin das Estrelas”, aos sá-

bados de 9 às 11h.

Rádio 107,5 RJ FM – para ouvir a rádio acesse a internet: <radio.rj1075.com>



Yakaré Upá Guá

Professor Val Costa
Texto

O dia 27 de janeiro marcou a estreia do Bangu Atlético Clube no Campeonato Estadual do Rio de Janeiro. O jogo, realizado contra o Fluminense, chamou a atenção pelo uniforme azul que os atletas do clube da Zona Oeste usaram durante a partida. Essa camisa é o terceiro uniforme do time e faz alusão à bandeira da Escócia, terra natal de Thomas Donohoe, funcionário da antiga Companhia Progresso Industrial do Brasil, mais conhecida como Fábrica de Tecidos Bangu.

Segundo o historiador Carlos Molinari, Donohoe teria solicitado que seus parentes trouxessem da Europa uma bola, um bico para enchê-la e algumas chuteiras, que foram utilizadas pelos operários na primeira partida de futebol em solo brasileiro, realizada em setembro de 1894, no terreno ocupado atualmente pelo Bangu Shopping. Posteriormente, em 17 de abril de 1904, o escocês ainda participou da fundação do Bangu Atlético Clube.

Vale ressaltar que existe na historiografia contestação do papel de pioneirismo de Donohoe ou “Seu Danau”, como era popularmente conhecido. Oficialmente, a primeira partida de futebol do Brasil foi organizada pelo paulistano Charles William Miller. Ela ocorreu no dia 14 de abril de 1895, no bairro do Brás, onde os empregados da Companhia de Gás de São Paulo (São Paulo Gaz Company) enfrentaram os funcionários da São Paulo Railway Company.

Na década de 1910, o futebol já era um dos esportes mais populares do Rio de Janeiro. A necessidade de organizar competições entre os clubes levou à criação da Liga Metropolitana de Football, em 8 de junho de 1905. No ano seguinte foi realizado o Primeiro Campeonato Metropoli-



**Estátua de Thomas Donohoe
no estacionamento do Bangu Shopping**

tano do então Distrito Federal. Disputado com as regras da Liga Inglesa, essa competição contou com seis participan-



Terceiro uniforme do Bangu Atlético Clube

tes: Fluminense, Botafogo, Bangu, Football and Athletic, Paysandu e Rio Cricket.

No dia 5 de junho de 2014, foi erguida uma estátua em homenagem a Thomas Donohoe no estacionamento do Bangu Shopping. O monumento foi produzido pelo cenógrafo Clécio Régis e tem seis metros de altura.

Em 2015, foi lançado o documentário “Bola para Seu Danau”, do diretor Eduardo Souza Lima. Ele aborda a trajetória do operário Thomas Donohoe e a luta de vários banguenses que acreditam que o esporte mais popular do país chegou aqui através de operários de uma fábrica de tecidos da Zona Oeste Carioca.



Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá

Júlio Dória - Professor

O IHBAJA e a História Local

O Instituto Histórico da Baixada de Jacarepaguá congrega em seu seio historiadoras, historiadores e indivíduos em geral que guardam em comum o interesse pela história do bairro ou parte dela. Entendemos que o comprometimento com o estudo e a pesquisa sobre a história de Jacarepaguá por parte destes indivíduos que compõem o IHBAJA, em sua maioria oriundos das classes populares que historicamente ajudaram a desenvolver econômica e culturalmente o bairro, se constitui como uma oportunidade importante para revisitação de fatos ocorridos neste vasto território. Ao mesmo tempo, permite trazer à “vida” outros fatos, pessoas, situações e lugares esquecidos, negligenciados ou propositalmente suprimidos da narrativa sobre a História Local.

Nesse sentido, o IHBAJA tem o compromisso moral com a história das classes populares que ajudaram a construir Jacarepaguá, os trabalhadores e trabalhadoras rurais, operários e operárias das fábricas, trabalhadores do comércio e serviços, profissionais da educação, saúde, artistas, poetas, musicistas, desempregados crônicos, autônomos, trabalhadores ambulantes, entre outros. Mas igualmente comprometido com os territórios de resistência e suas his-

tórias como a dos Quilombos do Camorim e o Cafundá Astrogilda de Vargem Grande, bem como as demais comunidades pobres do bairro e as diversas formas de expressão cultural local.

Por outro lado, não olvidamos a presença e história dos Engenheiros e da nobreza local, contudo, a inserimos no contexto histórico pertinente enquanto materialização das relações sociais da época e consonantes com as bases econômicas da cidade do Rio de Janeiro e do Brasil, com um todo. Isso significa dizer que não endossamos a perspectiva fetichista e adúladora a fatos ou personagens históricos do bairro principalmente por conta de sua condição social, pelo contrário, buscamos o entendimento das formas e dinâmicas socioeconômicas que se desenvolveram em Jacarepaguá, bem como as relações de poder inseridas nos diferentes contextos políticos da História Local.

Por fim, acreditamos que esses elementos históricos podem servir para nós – e também para você, leitor ou leitora – (re) pensarmos o desenvolvimento social do nosso bairro e identificar aspectos culturais específicos que nos permitem construir uma identidade local, a dos moradores de Jacarepaguá.



foto: Adilson Almeida

1ª turma de horta orgânica de 2021 do Quilombo do Camorim